

A mulher invisível

Ela não era como as mulheres dos livros de história. Não provocava revoluções, não ditava regras nem mudava o mundo. Tampouco era como as mulheres dos contos de fadas, faltava-lhe a ingenuidade, parecia faltar também um final feliz depois de tudo. Ela fazia parte do mundo real e na anarquia indiferente da realidade cada ser precisa lutar por seu espaço, sem se importar muito com a forma de como as coisas devem ser e acontecer, ou esperar por condecorações e finais felizes. Sua vida era trágica e cômica, seus dias tendiam à rotina, acordava sempre na mesma hora, fazia as mesmas coisas, parecia presa em um longo e interminável dia cinzento e frio. E havia mais: ela era ignorada em todo lugar, algo realmente pior do que ser confrontada ou simplesmente desprezada.

Um dia pela manhã resolveu fazer algo diferente, colocou-se em frente a um espelho e chocada entendeu o problema, ela era invisível. Não existia nada ali. Estava explicado então o motivo de ser ignorada. Como qualquer ser sensível e delicado, chorou por horas, afinal, não é algo muito animador de repente se dar conta que é invisível. Começava a pensar em como as coisas ficariam agora, como iria seguir sua vida, como ficariam seus planos e ambições. Tentou espelhos diferentes e nada. *Espelhos não mentem*, alguém havia dito uma vez.

Depois de dias e dias pensando e tentando encontrar uma solução para o problema da invisibilidade, a mulher invisível saiu para a rua e uma vez lá, notou coisas que não havia notado antes. Havia todo tipo de coisa na rua, indiferença, desigualdade, humilhação e ali estava ela, na esperança de que ao menos alguém ouvisse a sua voz. Vendo aquilo, a mulher invisível então se conformou, não havia mais nada a se fazer. Como ser notada se era invisível? Certamente tinha voz, mas seu discurso não era tomado como sério nem digno de respeito. Ninguém a ouvia, ela parecia estar gritando a sete palmas de distância, bem lá no fundo. Seguia incompreendida e só, à margem, observando em silêncio.

Como era invisível, podia estar em qualquer lugar. E estava: nas empresas, nas lojas, nos restaurantes, nas farmácias, em todo o lugar. Foi aí que notou algo estranho, onde estavam todas as outras mulheres? A resposta se formou de forma clara em sua mente, era obvio, todas eram invisíveis. Por isso não se manifestavam, por isso não eram notadas. Já estavam todas conformadas. Não estavam nos livros de histórias por um grande feito, não foram imortalizadas pelas mãos de um escritor. Talvez fossem normais demais, talvez fizessem coisas tão triviais que isso não significasse nada. Era como se estivessem em outra dimensão, em outro plano, um lugar tão longe e esquecido que era impossível enxergá-las.

Algo parecia definitivamente errado, as mulheres não estavam sempre tentando melhorar a aparência, aprendendo coisas novas, ampliando seus conhecimentos, buscando melhores oportunidades justamente para serem notadas? Não parecia justo que um véu de invisibilidade as cobrisse, não deixando que mostrassem o quanto são capazes e merecedoras do melhor. Para onde quer que ela olhasse via apenas homens, bem sucedidos ou não, desfrutando de uma sociedade que em sua opinião os favorecia. Uma sociedade machista. Mas algo não se adequava à sua teoria, pois para que haja um homem machista, deve-se existir uma mulher que se submeta a ele, certo? E parecia que ali não havia nenhuma mulher se submetendo a ninguém. Talvez estivesse exagerando as coisas.

Em uma de suas andanças, a mulher invisível deparou-se com uma aglomeração de pessoas que gritava vivas e exaltava quem quer que estivesse falando em cima de um palco improvisado. Sobre o palco ela reconheceu o prefeito da cidade, o credor das propostas utópicas de igualdade. Ele e seus homens discursavam a todos os seus feitos, proclamavam as melhores conquistas, tentavam a todo custo convencer seus ouvintes dizendo que todos viviam agora em uma cidade mais igual, mais justa, que todos tinham os mesmos direitos. Quanta hipocrisia em tão pequeno espaço, a mulher invisível pensou. Será que além de as mulheres terem ficado invisíveis, os homens tinham agora problemas para enxergar a verdade também? Não podia ser possível que eles não vissem tamanha desigualdade, de todos os tipos, todas as vezes que saíam na rua.

A cada lugar que passava, silenciosa como sempre, a mulher invisível via coisas que teoricamente não deviam existir, até mesmo as leis proibiam. E havia também coisas que deveriam existir, direitos, mas isso de algum modo não se realizava. E estas coisas pareciam-lhe um estranho paradoxo, onde havia luta e conformismo, ideias de liberdade e sentimentos de submissão. Começava a achar que o conceito de mulher e o de voz eram opostos perfeitos.

Talvez quando as páginas da história fossem enfim viradas as pessoas olhassem para trás e vissem a tamanha injustiça que cometiam quase sem perceber. Falando em injustiças, a mulher invisível pensou em si mesma, em sua trágica situação e em como uma solução parecia impossível. Lembrou-se da rotina que tinha antes de calar-se diante de sua suposta invisibilidade. Então ela não era invisível, não podia ser. Mas os espelhos não mentem, não é mesmo? Não, decidiu por fim que ela não era invisível, quer espelhos mintam, quer não. Era a sociedade que estava cega. Era a sociedade que eliminava de seu campo de visão todas as Marias, Joanas, Marcelas e Priscilas, quase sem perceber, tirando-lhes chances, impondo a elas situações ridículas.

A máscara que recobria a sociedade escondia uma realidade preconceituosa, onde coisas mínimas, como a diferença entre salários de um homem e de uma mulher, em uma empresa, faziam parte de um todo significativo, um todo que dava o incrível – e assustador – poder de invisibilidade às mulheres. Durante a história do homem no Brasil, da colonização à atualidade, muito havia se lutado pela chamada igualdade. A mulher nos tempos coloniais do país, por exemplo, havia ficado totalmente à margem, excluída da sociedade. Muito tempo havia se passado desde que a humanidade evoluiu, mas essa evolução não parecia alcançar o interior das casas, onde a mulher seguia presa a costumes e obrigações, dependendo do marido, sendo submissa às suas vontades.

Então com o tempo, o que parecia utopia, impossível demais para ser tomado como verdade, começou a acontecer. A mulher enfim se libertava das correntes do casamento, dos antigos costumes e das autoritárias e nada democráticas leis da sociedade machista que outrora dominava. E a muralha se desfazia cada vez mais. Passava-se então a substituir a dona de casa e a mãe de família pela doutora, chefe, juíza, ministra, presidente. Apesar de tudo, sutis diferenças ainda marcavam os tempos de antes e o agora. A desigualdade era muito mais explícita e muito mais tolerada antes e, hoje em dia, apesar de disfarçada, há voz que se manifeste contra ela, assim como há voz que hesite, e por isso ainda está longe do ideal. Estariam todos então vivendo uma nova fase da história, ou apenas vivenciando uma nova versão de uma velha história, onde há muita teoria, muita discussão e falta de ação ou até mesmo um conformismo tão enraizado que se torna difícil realmente existir uma igualdade, mesmo que a história já tenha provado que a tal superioridade masculina seja um grande equívoco. A mulher invisível que o diga.